

Biblioteca Anarquista



Uma Visita a Piotr Kropotkin

Emma Goldman

Emma Goldman
Uma Visita a Piotr Kropotkin
1922

fr.theanarchistlibrary.org

Titulo Original: **Une visite à Pierre Kropotkine**. Tradução e
Revisão por André Tunes @*Nucleo de Estudos Autonomo Anarco
Comunista*.

Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou
em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu
conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org

1922

Quando cheguei à Rússia, em janeiro de 1920, um dos que mais queria ver era Piotr Kropotkin. Eu olhei imediatamente para como eu poderia alcançá-lo. Disseram-me que eu teria que ir a Moscou porque Kropotkin morava em Dmitroff, uma pequena cidade a 60 quilômetros da antiga capital. Hoje, não se pode viajar como se quer, em um país tão cruelmente afetado que a Rússia, país atingido pela guerra e pela revolução, – país onde o Estado deve exercer um controle absoluto sobre cada parcela vida. Não havia nada para fazer, a não ser esperar até que eu tivesse a chance de ganhar Moscou. Esta chance afortunada, felizmente, não demorou a aparecer.

Logo, em março, algumas figuras comunistas foram para Moscou, incluindo Radek e Gorky. Eu obtive permissão para usar o mesmo vagão. Uma vez em Moscou, comecei aprendendo maneiras de chegar a Dmitroff. Mas houve novamente, um atraso. Eu aprendi que era quase impossível acessá-lo por meios comuns. O Tifo estava furioso. As estações ferroviárias estavam lotadas a dias e semanas de pessoas. Estavam sempre disputando argumentos selvagens para qualquer lugar. Quinhentos desafortunados queriam se amontoar em uma carroça que só podia conter cinquenta. Com fome e esfarrapados, queriam bater apesar de tudo no telhado ou na plataforma do carro, esquecendo as mordidas frias e o perigo constante de ser levado ao chão. Todos os dias, algumas pessoas infelizes estavam mortalmente congeladas ou caindo do comboio em marcha.

Eu estava desesperada porque ouvi dizer que Kropotkin estava doente naquele inverno. Eu temia que ele não pudesse viver até a primavera. Eu não queria pedir uma carroça especial para me levar; Eu também não poderia reunir coragem suficiente para viajar em condições normais. Uma circunstância imprevista veio em meu auxílio.

O editor Herald do Daily de Londres, acompanhado por um de seus repórteres, havia me precedido em Moscou. Eles também queriam ver Kropotkin e receberam uma carroça especial. Na companhia de Alexander Berkman e A. Shapiro, consegui alcançar o Sr. Lansbury e viajar em relativa segurança. A rota que tínhamos que fazer a pé era feita com bom tempo; a noite estava estrelada e todo o país era um imenso tapete de neve. Nossos passos ecoaram no silêncio da aldeia sonolenta.

A casa de Kropotkin ficava num jardim atrás da rua. O raio baixo de uma lâmpada de querosene iluminava sozinho a passagem que levava à casa. Soube depois que o querosene era raro, em Kropotkin e que a luz precisava ser salva. Quando Kropotkin terminou seu trabalho diário,

a lâmpada foi usada na sala de jantar, onde a família se reunia à noite. Fomos recebidos calorosamente por Sophie Kropotkin e Sasha Kropotkin, depois fomos até a sala onde encontramos o Velho Grande Homem.

A última vez que o vi foi em 1907, em Paris, quando vim visitar a cidade depois do Congresso Anarquista em Amsterdã. Kropotkin, que havia sido expulso da França há vários anos, acabara de obter o direito de voltar. Naquela época, ele tinha 65 anos, mas ele estava tão cheio de vida, ele estava tão alerta, ele parecia muito mais jovem. Ele era uma fonte de vida para todos aqueles que estavam felizes o suficiente para entrar em contato com ele.

De um jeito ou de outro, nunca se pensou que Piotr Kropotkin pudesse ser velho. Não foi assim em março de 1920. Fiquei impressionada com a mudança de aparência dele. Ele estava terrivelmente magro, ele nos recebeu com aquela graciosa recepção que era tão característica dele.

Sentimos desde o início que a nossa visita não seria satisfatória. Kropotkin não podia falar conosco livremente na presença de dois estrangeiros, dois jornalistas ... Foi sobre como aproveitar ao máximo a situação. Depois de uma conversa de uma hora, pedimos à Sra. Kropotkin e Sasha para entreter os convidados ingleses, e durante esse tempo conversamos em russo com Kropotkin.

Além de nossas preocupações com sua saúde, eu estava muito ansiosa para obter dele alguns esclarecimentos sobre questões vitais que já haviam começado a me preocupar: a relação entre os bolcheviques e a Revolução; os métodos despóticos que, como todos haviam afirmado para mim, haviam sido impostos ao partido do governo pela intervenção e bloqueio. Qual foi a opinião de Kropotkin sobre isso e como ele explicou seu longo silêncio?

Não tomei notas e só posso dar os pontos essenciais da nossa breve conversa. Era óbvio que a Revolução Russa trouxera o povo a grandes alturas e abrira caminho para profundas mudanças sociais. Se as pessoas tivessem permissão para usar as energias liberadas, a Rússia não estaria em sua situação miserável hoje.

Os bolcheviques, que haviam sido arrastados pela onda gigantesca da Revolução, haviam antes de tudo seduzido os ouvidos populares com declarações extremamente revolucionárias. Assim obtiveram a confiança das massas e o apoio dos militantes revolucionários.

Logo, no período de outubro, os bolcheviques começaram a subordinar os interesses da Revolução ao estabelecimento de sua ditadura. Eles reprimiram e paralisaram toda ação social. Kropotkin considerava as cooperativas o melhor meio, em sua opinião, de servir os interesses dos camponeses e dos trabalhadores. Mas as cooperativas foram imediatamente sufocadas. Kropotkin falou com grande calor da depressão e das repressões ferozes causadas pela sombra de uma opinião, e citou muitos exemplos da miséria e do sofrimento do povo. Acima de tudo, ele foi extremamente veemente contra o governo bolchevique por assim desacreditar o socialismo e o comunismo aos olhos do povo russo. Foi uma visão dolorosa que Kropotkin fez se desdobrar diante de nós naquela noite.

Por que, então, ele não levantou a voz contra esses males, contra aquela miséria que estava destruindo a Revolução? Kropotkin deu dois motivos: Primeiro, porque enquanto a Rússia fosse atacada pela coalizão de imperialismos na Europa, e enquanto mulheres e crianças russas estivessem morrendo de fome como resultado do bloqueio criminoso, elas não poderiam se juntar ao coro dos Ex-revolucionários para gritar: “Para a morte!” Ele preferiu ficar em silêncio por um momento.

Finalmente, não havia meios de expressão na própria Rússia e, portanto, não havia como chegar ao povo. Lidar com protestos contra o governo era inútil. Seu interesse era manter a energia a qualquer preço. Ele não podia parar em ninharias como a vida humana ou os direitos humanos. Mas então ele acrescentou: “Nós sempre celebramos os benefícios do marxismo em ação. Por que você está maravilhado agora?”

Perguntei se ele notava suas impressões e observações. Ele certamente deve ter visto a importância de tal relacionamento para seus companheiros, para os trabalhadores e, de fato, para o mundo inteiro. Kropotkin olhou para mim por um momento e respondeu:

“Não, eu não escrevo. É impossível escrever quando se está no meio de um grande sofrimento humano, quando cada hora traz novas histórias de uma miséria que não pode ser detida. Além disso, toda a segurança desapareceu. Pode haver uma pesquisa a qualquer momento. A Cheka chega no meio da noite, saqueando a casa de cima a baixo, coloca tudo de cabeça para baixo e pega todos os pedaços de papel.

Sob tal regime de restrições, é impossível registrar suas impressões. Mas meu livro sobre ética valerá muito mais do que todas essas reflexões. Eu só posso trabalhar algumas horas por dia e sempre tenho muito a fazer. No entanto, devo concentrar meus esforços nisso, com exclusão de qualquer outra coisa”.

... Mas estava ficando tarde e nosso anfitrião estava cansado. Nós o deixamos, e em breve, planejando voltar na primavera, onde teríamos mais tempo livre para discutir certos assuntos.